
A ECONOMIA COMO CIÊNCIA SOCIAL

Introdução

A economia é tida como uma ciência social. Ou seja, o estudo das actividades económicas do ponto de vista social. Contudo, muitos economistas sustentam que a aprendizagem da economia proporciona um *modo de pensar* mais do que o conhecimento de uma colecção de factos económicos e sociais.

Um dos aspectos centrais no modo de pensar de um economista é a distinção entre *afirmações positivas* e *afirmações normativas*. Igualmente importante para o economista é o papel da *teoria* e, em particular, o uso de *modelos económicos* que permitem apreender de forma simplificada fenómenos complexos. Os modelos económicos geram hipóteses (i.e. proposições ou previsões) que podem ser empiricamente testadas.

Neste capítulo, explora-se o significado do “científico” no estudo do comportamento humano e discutem-se os critérios que avaliam o desempenho da economia quanto a este estudo.

2.1 A Distinção entre o Positivo e o Normativo

O sucesso da ciência moderna repousa em parte na habilidade dos cientistas em separar as suas opiniões objectivas sobre o que realmente acontece das suas opiniões subjectivas sobre o que gostariam que acontecesse.

As **afirmações positivas** dizem respeito ao que é, era, ou será. Estas afirmações podem ser simples ou complexas, mas elas fundamentam-se sobretudo em factos. As afirmações positivas podem ser testadas empiricamente.

As **afirmações normativas** dizem respeito ao que as pessoas julgam que deve ser. Estas afirmações sustentam-se em juízos de valor sobre o que é bom e o que é mau. Estão por

isso associadas aos valores filosóficos, culturais e religiosos. As afirmações normativas não são empiricamente testáveis.

Um simples exemplo permite compreender melhor a diferença. A afirmação que “é impossível dividir os átomos” é positiva e pode ou não ser refutada por observações empíricas. De facto tem sido refutada. Contrariamente, a afirmação que “os cientistas não devem dividir os átomos” é normativa, porque constitui um juízo ético. Veremos no estudo de microeconomia muitas afirmações positivas e muitas outras normativas. Muitas das diferenças de opiniões entre os economistas radicam em juízos de valor diferenciados. Mas é importante mais uma vez observar que a separação das afirmações positivas das afirmações normativas é um dos fundamentos do desenvolvimento científico. A opinião aqui manifestada não implica de modo algum a negação da importância das opiniões normativas. Por um lado, a discussão sobre estas pode dar lugar a afirmações positivas e, por outro lado, os valores normativos podem ser desejáveis à imposição de uma certa ordem social. Os juízos normativos fazem da economia uma disciplina interessante, cheia de opiniões diferenciadas.

2.2 O Método Científico em Economia

Os cientistas de ciências sociais procuram compreender e prever o comportamento humano. A previsão científica consiste na descoberta de padrões regulares de resposta face a uma causa. Mas a regularidade de resposta é possível no caso dos comportamentos humanos, mesmo que se admita alguma margem de erro? Esta questão positiva só pode ser respondida pelo apelo à evidência empírica, tomando em linha de conta a diferença entre os comportamentos dos grupos e os dos indivíduos isolados.

Em muitas situações, o comportamento de um grupo de pessoas pode ser antecipado correctamente sem que haja o conhecimento preciso da reacção do comportamento de um qualquer indivíduo integrado nesse grupo. Exemplificando, quanto mais calor faz, maior será o número de pessoas que frequentará praias e, em consequência, maior será o volume de vendas de gelados. Contudo, pouco se sabe o que um dado indivíduo integrado nesse grupo fará. Ou seja, o comportamento de um grande grupo de pessoas é previsível. A regularidade da reacção comportamental que se está a discutir está associada à questão

filosófica da causa e efeito. Por exemplo, se os salários subirem de forma significativa (causa), o consumo das famílias subirá (efeito).

Deste modo, do ponto de vista da ciência económica, é apenas relevante reter o *comportamento médio* de um indivíduo que faz parte de um grupo numeroso. As irregularidades dos comportamentos individuais tendem a cancelar-se umas em relação a outras, e as regularidades tendem a emergir no conjunto de indivíduos.

2.3 A Importância e a Estrutura da Teoria

Quando se observa alguma regularidade relacional entre dois ou mais fenómenos económicos, procura-se indagar a razão disso. A *teoria* oferece uma explicação sobre esta regularidade e permite também formular previsões sobre os factos ainda não observados. Qualquer explicação sobre as relações entre os factos constitui uma teoria.

Importa que se tenha uma noção da estrutura de uma teoria. As componentes estruturais da teoria são as seguintes: (1) o conjunto de definições de variáveis a usar; (2) o conjunto de hipóteses sobre o comportamento das variáveis; (3) e as previsões que são deduzidas das hipóteses da teoria e que podem ser empiricamente testadas. Vejamos brevemente o significado de cada um destes pontos.

2.3.1 Variáveis

Uma variável é uma grandeza quantitativa que pode assumir diversos valores. As variáveis constituem os elementos básicos das teorias e, por isso, devem ser definidas cuidadosamente. Por exemplo, o preço é uma variável económica fundamental. O preço de um bem é a quantia de dinheiro que deve ser abdicada para se adquirir uma unidade desse bem.

Para se compreender adequadamente uma teoria, é relevante que se conheça a diferença entre as **variáveis endógenas** e as **variáveis exógenas**. A variável endógena é uma variável que é explicada no quadro da teoria. A variável exógena, embora influencie as variáveis endógenas, é explicada pelos factores externos à teoria. Veremos melhor esta diferença nas teorias que serão mais adiante apresentadas.

2.3.2 Hipóteses

Um dos elementos chave da teoria é o conjunto de hipóteses quanto ao comportamento das variáveis sobre as quais existe interesse. Geralmente as hipóteses explicitam de que modo os comportamentos de duas ou mais variáveis se relacionam. Por exemplo, em relação aos consumidores, os economistas admitem duas hipóteses. A primeira reporta-se à relação entre a satisfação do consumidor e os bens e serviços que este consome. A segunda reporta-se à maximização da satisfação do consumidor que deriva das escolhas que este faz dos bens e serviços. Ou seja, admite-se que o consumidor procura sempre maximizar a sua satisfação no consumo dos bens e serviços.

Não raras vezes os economistas são criticados por admitirem hipóteses simplistas. Contudo, este tipo de críticas não é apropriado, porque é necessário que se tenha em conta que a teoria é uma abstracção da realidade e que é impossível abarcar a compreensão dos fenómenos económicos complexos na sua totalidade.

2.3.3 Previsões

As previsões da teoria são proposições que são deduzidas dessa teoria. Uma proposição científica é uma afirmação condicional que toma a seguinte forma: Se isto ocorre, então tal coisa ocorrerá. Um exemplo de uma previsão relativamente à teoria das empresas é: se os salários pagos aumentarem, então a quantidade procurada de trabalho baixará.

No processo de teorização, os economistas trabalham com muitas relações entre as variáveis. Tais relações são formalizadas por uma **função matemática**. Por exemplo, a proposição de que a quantidade de maçãs que as pessoas desejam comprar está negativamente relacionada com o seu preço constitui uma relação funcional em economia. Na sua forma mais geral, esta proposição indica que a quantidade procurada está negativamente relacionada com o preço: quanto maior for o preço do bem observado no mercado, menor tenderá a ser a quantidade procurada nesse mercado.

2.4 Modelos Económicos

A construção de *modelos económicos* pelos economistas é uma prática muito comum. O termo *modelo* pode ser utilizado em contextos muito diversos. Importa por isso, para cada situação particular, tornar preciso o seu significado.

Primeiro, em algumas situações, o termo modelo é apenas sinónimo de uma teoria ou um subconjunto particular de teorias, como por exemplo “o modelo keynesiano de determinação do rendimento” ou “o modelo neoclássico de determinação de preços nos mercados competitivos”.

Segundo, em outras situações, o termo modelo é utilizado para expressar uma formulação quantitativa particular de uma teoria. Neste caso, números específicos são associados à relação funcional matemática que provém de uma teoria. Os números atribuídos resultam das observações empíricas. A teoria em forma específica permite retirar previsões concretas, como por exemplo o comportamento dos preços no mercado das viaturas.

Terceiro, com alguma frequência, o modelo é uma aplicação, em contextos particulares, de uma teoria geral. Por exemplo, a aplicação da teoria neoclássica do *principal e agente*, em casos particulares de mercado, que permite compreender alguns comportamentos dos agentes que aparentemente são julgados perversos.

Finalmente, a ideia que nos parece mais sugestiva é a que afirma que o modelo constitui uma abstracção ilustrativa que nos ajuda a organizar o pensamento em relação à complexidade dos factos reais. Nesta interpretação, o modelo apreende a realidade complexa de uma forma aproximada, ou seja, é uma caricatura da realidade.

2.5 Teste Empírico da Teoria

A teoria económica requer a confirmação empírica das suas proposições. É necessário que se verifique empiricamente que a ocorrência de certos eventos produz os resultados previstos pela teoria. A não validação empírica das proposições de uma teoria, de uma forma consistente, pode implicar a rejeição da teoria. Neste caso, esta é sujeita a revisões ou é substituída por teorias alternativas mais robustas. A Figura 2-1 em anexo ilustra isto.

Esta figura mostra a interacção contínua entre a teoria e a observação. A explicação da figura é feita a partir do canto superior esquerdo. Expõem-se primeiro as definições e as hipóteses da teoria. Isto permite a dedução das proposições relevantes que são posteriormente testadas empiricamente, ou seja, as proposições são confrontadas com as evidências. Se as observações empíricas contraditam a teoria, então esta deve ser corrigida ou rejeitada. E o processo da análise interactiva inicia-se de novo. A concordância da teoria com os factos implica a aceitação da teoria. Contudo, o conhecimento é sempre relativo, o que significa que as teorias, mesmo que aceites, devem sujeitar-se continuamente às evidências empíricas.